

ENTRE OS HOMENS QUE DÃO TIROS

## A GUERRA NO AR É DIFERENTE DA QUE SE PASSA NORÊS DO CHÃO

**DIALOGOS DA RETAGUARDA — INFANTE: "VOCÊS PRECISAM ACABAR COM OS 88 QUE NÃO NOS DEIXAM DESCANSAR" — AVIADOR: "E VOCÊS PRECISAM TOMAR BOLONHA COM TODOS OS CANHÕES ANTI-AERÉOS QUE LÁ ESTÃO" — "QUE OS CANHÕES NAZISTAS NÃO ABORREÇAM DEMASIADO OS NOSSOS SOLDADOS E QUE HAJA ESTOQUES NOS SEUS DEPOSITOS DE MUNIÇÕES DO INIMIGO QUANDO OS BOMBARDEAMOS"**

COM A FEB NA ITALIA — De Rubem Braga, Correspondente do "Diário Carioca" — Janeiro de 1945 — Via aérea — "O Cruzeiro do Sul", jornal do Serviço Especial da FEB, publicará em um dos seus próximos números um artigo sobre a FAB. Esse artigo foi escrito pelo capitão Fortunato Camara de Oliveira, que é um dos chefes de esquadrilha do 1.º Grupo Brasileiro de Caça. Destina-se, naturalmente, aos soldados, que são os leitores de "O Cruzeiro do Sul". Creio, porém, que interessará aos leitores do "Diário Carioca". O capitão Fortunato escreve bem — e com a autoridade de 33 missões cumpridas sobre território inimigo. Lá vai o artigo: "Devido à própria natureza das operações e à distância que separa as bases de aviação das linhas de frente, aonde vive o infante, pouco sabe este a respeito dos permenores do trabalho que está a cargo dos aviadores. Talvez não haja um meio tão oportuno, como o proporcionado por este jornal, para que se possa dar uma idéia do que a FAB está fazendo, desde que entrou em combate até agora.

Os mesmos ideais, o mesmo vigor, a mesma vontade de luta de que se tem notícia, por parte dos soldados da FEB podem ser observados entre os componentes do Grupo de Caça. Sem dúvida as condições de vida do "homem que dá tiro" do Grupo de Caça são menos ingratas que as de seu irmão da infantaria, principalmente. Enquanto este vive durante dias num "fox-hole", o aviador dorme, provavelmente, num hotel. E os aviadores prezam bastante esta alternativa da sorte, porque já passaram quase dois meses acampados e operando em condições de conforto precárias, em barracas frias, comendo de marmitta e tendo como mesa o chão.

A guerra dos aviadores é, por suas características, diferente daquela que se passa ao rés do chão, e eles se admiram muito quando sabem que algum camarada "pé de poeira", que está combatendo na primeira linha, discute que por nada deste mundo trocaria a sua situação pela do piloto. Este gostam de ser aviadores, e sentem, apesar da forte oposição sem tréguas que lhes faz a artilharia anti-aérea nazista, um prazer quase esportivo no cumprir as missões que lhes dão. Quando algum deles encontra um velho companheiro de turma da Escola Militar, e que está agora em um Regimento de Infantaria, é comum se desenvolver um "papo" assim:

Aviador — Olá, fulano, você por aqui?

Infante — Estou aqui desde setembro, e você?

Aviador — Há dois meses. Como é que vai a coisa lá na frente?

Infante — É duro, velho. Vem cá, vocês precisam acabar com os 88 que tem por lá, e não nos deixam descansar.

Aviador — E vocês precisam tomar Bolonha com todos os canhões anti-aéreos que lá estão. Senão, não adianta nada para nós.

Mas, na verdade, ambos estão fazendo o que o outro deseja, num âmbito muito mais amplo. Vamos tentar, aqui, explicar o que estão fazendo os rapazes da FAB. decola, para um bombardeio, é o resultado de um esforço

(Conclue na 6ª página)



Este é um dos "Pracinhas" Brasileiros de que nos fala Rubem Braga em suas correspondências. Bom soldado, está cumprindo corajosa e eficientemente a sua missão nos campos e nas montanhas cobertas de neve da Frente Italiana, lutando por um mundo melhor, uma existência digna, sem as doutrinas de força, as perseguições, o ódio e a ambição.

## PARA OS "PARTIGIANI" NÃO HA QUARTEIS DE INVERNO PARA CONTINUAR VIVOS, TÊM DE CONTINUAR LUTANDO

**O HEROISMO DOS HOMENS QUE ENFRENTAM A FOME, O FRIO, A DUREZA DA OCUPAÇÃO NAZISTA E OS BOMBARDEIOS ALIADOS SEM DESISTIR DA LUTA PELA LIBERDADE DE SUA PÁTRIA — A POLITICA ITALIANA, O POVO E O PURGATORIO**

COM A FEB NA ITALIA — De Rubem Braga, Correspondente do DIÁRIO CARIOCA — Via aérea — Quando o general Alexander avisou aos "partigiani" de que deviam cessar a luta durante o inverno — para que não se criticassem em operações que as tropas aliadas em muitos casos não poderiam apoiar ou completar — esse aviso não teve grande efeito pratico. Exercitos podem ordenar aos seus homens que ataquem tal posição, avancem até tal ponto ou se firmem em tal lugar. O comando tem, certamente planos, que estão sendo executados. Os comandantes do 5.º e do 8.º

(Conclue na 7ª pag.)

## Diario Carioca

DOMINGO

Rio de Janeiro, 18 de Fevereiro de 1945

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

VISITANDO UMA CENTRAL DE TIRO

## PARA DAR UM TIRO SÃO NECESSARIOS QUATRO HOMENS

O Telefonista, o Apontador, o Atirador e o Carregador — Como o "Terror" Manda Suas Saudações às Linhas Alemãs — A Vida Girando Em Torno de Um Canhão e de Dois Telefones Torna Horripelmente Monotona Até Mesmo a Saudade... Escrevam Cartas

COM A FEB NA ITALIA — De Rubem Braga, Correspondente do "Diário Carioca" — Via aérea — janeiro 1945 — Encontramos no meio do caminho o general Cordeiro de Farias, que está deixando crescer um bigode, e vamos a uma Central de Tiro. O cel. comandante de um Grupo de Obuses Auto-Rebocados, nos acompanha até uma bateria.

Vamos visitar uma peça. O que vemos, no campo absolutamente branco, é um pequeno buraco negro: a entrada da barraca sob a qual está o canhão 105. A barraca além da lona, ainda tem a rede de camuflagem do outono, e entre a lona e a rede há feno e galhos de pinheiro. Os ramos, sempre verdes, pendem do teto, dando um ar festivo ao interior. Mas por fóra o inverno se encarrega de fazer a camuflagem: a neve cobre tudo. E quando ela se derrete costuma se infiltrar através de tudo e pingar lamentosamente sobre os homens que estão lá dentro.

O canhão está no meio da barraca, sempre muito limpo e bem tratado como um deus. Esse deus é servido por 10 homens. A um canto, a munição, com seu belo metal dourado. Ao lado, uma porta estreita, com um abrigo cujas paredes e tetos são de táras de pinheiro. Ali há dois telefones, uma cadeira, uma pequena mesa e cama para os 10 homens. Mas tudo isso num espaço muito reduzido: as camas são girais em estilo de beliche: cinco girais duplos. A peça vital desse pequeno antro é o fogão aquecedor, cuja chaminé — agora verifico — sai discretamente um palmo fóra da neve, lá fora. E há esta coisa importante: luz elétrica. Em resumo, o alojamento não é luxuoso, mas é quente e bem abrigado — e os soldados me dizem que ali, faça lá fóra o frio que fizer, dormem bem. Para comem, eles vão até o P. C. da bateria — e me dizem todos que a comida é boa.

"Quase todos estão engordando aqui" — me diz o sargento Antão. Antão Vieira é de Tupanciretã, Rio Grande do Sul, e no seu grupo de homens há outro gaúcho, o soldado Marne Pereira Soares. Há um mineiro de Viçosa — Lauro Martins Corrêa — e um capichaba de São Mateus, Jorge Costa Machado. O cabo Benedito Martins é, como aquele homem do samba, de Niterói, e Newton Costa é de Petrópolis. Há dois baianos: Cicero Ferreira dos Santos, de Pilão Arcado, e um João que não estava presente no momento e todo mundo chama de João Baiano — e ninguém na hora se lembra do nome dele. Completam a dezena um carioca, Alberto Amar, e um fluminense, Grimaldo José do Patrocínio. Para dar um tiro não são necessários esses 10 homens. Bastam 4: um telefonista, um apontador, um atirador e um carregador.

O canhão dá em media uns 40 tiros por dia — e no dia em que trabalhou mais deu 108 tiros. O tenente Adelio Conti, que é observador avançado e está ali no

(Conclue na 6ª pag.)

18.2.45

Outverno p: italiano - fm 45. FEB  
pg 189

133

RUBEM BRAGA NOS D

## MOVEM-SE OS CAM BRASILEIROS R

COM A FEB NA ITALIA — De Rubem Braga, correspondente do DIÁRIO CARIOCA — Via aérea — Fui a Livorno assistir à chegada de mais um Escalão da FEB — e confesso que fui mais para receber o Joel Silveira e fazer uma entrevista no caminho que para fazer a reportagem da chegada. E' que os correspondentes já tinham corrido para lá, á espera, enquanto eu ia á linha de frente para ver as posições de uma certa unidade, atendendo a um convite do meu amigo o pastor protestante Soren, que afinal não encontrei.

As estradas estão pessimas, e tivemos sorte de viajar em um caminhão alto, porque em certo trecho inundado a agua deu até os tornozelos do motorista. Com as pernas para cima, e segurando no alto a sua maquina de escrever e o seu bernal, Frank Norall resolveu que a solução para nossas reportagens é um jeep anfibio — com motor de avião, acrescentou, lembrando-se das vezes em que ficamos empacados nos Apeninos. E embora o policial americano proibisse a passagem, garantindo que morreriamos afogados, o nosso motorista resolveu meter os peitos — e varamos.

Em Livorno encontramos apenas alguns oficiais que tinham vindo ao sul em automovel. Lá estavam, entre outros o coronel Mario Travassos, o tenente coronel Heraldo Figueiras, os maiores Lelio Miranda e José Adolfo Pavel, o capitão João Bina Machado, o primeiro tenente Denizart Spares de Oliveira.

Contaram a viagem — e chegamos á conclusão de que tinha sido perfeitamente igual ás outras. Insistiram em que a bordo fez muito

calor, garantindo que fez mais calor do que no navio que vim, o que é impossivel acreditar. Aquele dia — acrescentaram — devia chegar uma pequena parte da tropa; no dia seguinte o grosso, e no outro dia o restante.

A primeira turma chegou á noite, e quando a encontrei já foi algumas horas depois, arrumando suas barracas no acampamento, depois de uma longa viagem de caminhão.

Fui bater numa turma de interpretes, chefiada pelo tenente Guido Alfredo Heisler que quase estragou a minha reportagem avisando a todos que ia ser celebrada uma missa naquele instante. Mas os rapazes alegaram que tinha havido muitas missas a bordo e que além do mais supunham haver no Brasil muita gente rezando por eles — de maneira que preferiam conversar com o reporter.

Outra vez me voltou a impressão de que não ouviria nada de novo desses homens que chegavam. Antes de embarcar, assisti no Rio ao filme que o Stamato fez da viagem do Primeiro Escalão — e a minha viagem foi igualzinha áquele filme. Agora aqueles homens me falavam das missas de bordo — e eu me lembrei daquela série de missas com que a gente topava a ré, á vante, á bombordo e a estibordo — e lá um homem ler seu livro sossegado num salão e eu acendia o cachimbo do Vinicius de Moraes ou começava a traçar uma partida de pocker, e lá num canto do salão aparecia um sacerdote com o seu Santo Sacrificio.

Soldado Paulo Vidal Leite Ribeiro (Praia de Botafogo, 158, apartamento 4) Harry Halter (Rua

Caning, 16, Copacabana) Fernando Ramalho, (rua São Sebastião, 47, Niterói) sargento Bento Ferreira Gomes, filho do Dão do "Correio da Manhã" — todos chegaram bem, esperam cartas, telegrafarão logo que puderem — e no lugar de me darem notícias do Brasil danaram a fazer perguntas sobre a Itália e a guerra.

Aparece um grupo de enfermeiros. Sargento Lourival Faria Silva (rua Glauco, 410, Todos os Santos, Rio) sargento Darino Castro (rua Mauá, 136, Santa Tereza, Rio) sargento Gervasio Gomes de Azevedo (Valença, Estado do Rio, conversamos sobre o Carlos S. Lacerda, o dr. Osvaldo, prefeito, e respectivas senhoras, o Echenique, fazendeiro, etc.) sargento Oronco Valverde Bastos (rua Ubiraci, 410, Bonsucesso, Rio) e soldado Valter Gomes Vieira (Avenida Suburbana, 7304, Engenho de Dentro) — também esses se declaram bem dispostos.

Viajaram em trem do sul para o norte — e tiveram sorte, porque o duro é vir nos malditos barquinhos que jogam mais que todos os fregueses do sr. Rolas juntos e a turma do Jockey Club misturada.

Já começam a aprender as primeiras palavras de italiano e me trazem do Brasil boatos sobre a Força Expedicionária os mais contraditórios.

Uns ouviram dizer que a vida aqui é puro divertimento, com sambas e feijoadas, e nunca morre ninguém. Outros perguntaram se é verdade que tal Regimento perdeu a metade dos homens. Explico que a vida em Bonsucesso é melhor e que numa guerra sempre acontece morrer gente — mas que nenhum Regimento sofreu nada de longe

parecido com esse boato feroz e estúpido da 5ª coluna carioca, que vá para o raio que a parta.

Agora estou no porto. O vento é cortante e frio e os homens descem lentamente, com a mochila e o saco às costas. Chegam com os uniformes de lá, os capuzes abotoados debaixo do queixo, todos de japona. Caminham para os caminhões que os esperam e que partem i comboios com um oficial na boléia.

Lembro-me da minha chegada. Como faltava um oficial, fui convidado a tomar conta de um grupo de homens e conduzi-los a um caminhão.

Enquanto esperava na estrada lamacenta, sob a chuva fina, apareceu o general Zenobio, acompanhado de um major. Pensou naturalmente que eu fosse um oficial e me perguntou:

— Então, como estão os homens? Bati a melhor continência de que sou capaz — e os homens do "meu" pelotão me acompanharam:

— Bem, senhor general!

— A turma do X (numero de um Regimento) tem feito bonito. Eu quero ver vocês do Z (numero de outro Regimento).

— Vamos ver, senhor general.

Eu disse isso num ar de completa confiança, como um oficial que sabe que a "sua" tropa não fará menos do que nenhuma outra — e o general continuou o seu passeio.

Esse foi o meu unico "feito militar" nesta guerra. Agora vejo outros homens em fila, e um coronel os inspeciona lentamente.

Muitos ainda estão a bordo, esperando a ordem de "preparar para desembarque".

Descerão lentamente, com a mesma cara que tinham quando subiram para bordo no Rio, carregando

do mesmo jeito, as suas bagagens.

Verão, na primeira parede italiana que olharei, frases de Mussolini: "Vincerel Vincerel Vinceremo!" e "Mediterraneo — Mare Nostro!" Lá estão elas escritas na unica parede que ficou em pé de um armazem do cáis. Verão muitas frases assim pela Itália a fora. (Estive em Florença outro dia e marquei uma entrevista com o Secretario da Republica, Machiavel, que me falará sobre como o Principe leva a bréca de vez em quando, mas ainda não tive tempo de e crever o que farei qualquer dia, mas posso adiantar que ele achou muita graça no livro do Otavio de Faria).

Bagley, da Associated, começa a tomar nota dos nomes de soldados, é rodeado por dezenas, e muitos outros, não esperando que ele tome nota, escrevem seus nomes e endereços em papeis e inclusive cartelas de cigarro e dão at retratinhos com o nome atrás. Bagley está com os bolsos atulhados d' papeluchos Chico, da BBC, leva o microfone para bordo de um barco e começa a gravar frases e canções.

Os soldados recebem ordem de desembarcar, mas ninguém desembarca enquanto não acaba a gravação o oficial acaba adherindo e ajudando a chamar os homens para junto do microfone.

Alguns marinheiros americanos, acostumados a ver embarcar e desembarcar soldados, improvisam no cáis uma partida de futebol daquelas, que eles, gostam de jogar — e a bola voa por toda a parte, sobre os caminhões que manobram para sair.

Tomo nota de alguns nomes: 2º sargento João Felix de Lima, de São

José do Mipibu', Rio Grande do Norte, antigo telegrafista; sargento Eduardo de Araujo Falcão, Matupe, Baía, estudante; sargento Aderaldo Francisco da Silva, residente em Niterói, natural do Recife.

Vejo um homem que vela um violão vermelho: é terceiro sargento Severino Ramos Fidelis, de Alagoas. Sim, todos estão bem, alguns enjoaram na viagem, não no Atlantico, mas neste t' chinho do Tirreno. Encontro o aspirante Flavio Hugo de Lima.

E' da turma dos que foram declarados aspirantes a 4 de novembro deste ano. Toda a turma se apresentou para vir para a Italia. Ele me explica que foi possível mandar todos logo nesse navio. Vieram alguns — e desses encontro mais dois, Teodoro Guerra e Hugo Alves Correia.

Varios minhões já estão lotados, prontos a sair. De bordo de um dos barcos um fotografo vai bater uma chapa — e todos se voltam para ele, gritam, fazem "poses" de brincadeira, muitos fazem o V da Vitoria e cada um, a vinte metros da objetiva, no meio de uma porção outros absolutamente iguais distancia está crente de que vai parecer direitinho o seu sorriso no retrato — e que uma bela manhã a Déia ou a Maria do Carmo, em Curitiba ou em Madureira, vai pegar o jornal, ter um choque no coração e gritar: "Olhe aqui um retrato do Maciel lá na Italia! Ih, ele está de luvas, todo encapotado!

Movem-se os caminhões — e lá vão carregados de brasileiros, pela planura cercada de arvores de galhos nus, rumo ao norte, ás montanhas — á guerra.

135

(Conte)

ço entrosado de centenas de homens. Sem a cooperação, em tempo e matematicamente harmonica, do mecânico de motor, do mecânico de armamento e munição, de rádio, do encarregado do abastecimento dos aviões, etc., etc., e ainda mais da orientação e distribuição de deveres das seções de operações e informações, nenhuma das esquadrilhas estaria apta para cumprir as missões que lhe são confiadas. E, em menor escala, o mesmo "team work" que faz a artilharia, a engenharia e a infantaria agirem como um único dispositivo. É essa idéia de "team work" que predomina ainda em todas as ações de combate da aviação. "Um por todos e todos por um". Acabaram-se os heróis, os "mocinhos", os "tais", em beneficio do conjunto. Mas... acompanhemos uma missão qualquer para se avaliar o que se passa.

Vamos tomar como exemplo um caso verídico qualquer: bombardeio picado (dive-bombing) sobre a estrada que vai de Verona a Trento, ou seja, a linha de abastecimento para o Passo de Brenner. O objetivo é cortar a estrada de ferro em diversos pontos afim de mantê-la constantemente fora de trafego. (Esta missão é feita quase diariamente pelos aviadores aliados na Italia). É "serviço" pra 3 aviões de cada vez. Agora, foi distribuído para o 1st Brazilian Fighter Squadron (1.º Grupo de Caça Brasileiro). Vão sair, portanto, duas esquadrilhas de 4 aviões cada, comandadas por um capitão ou primeiro tenente.

Foi dada a hora, pela ordem da missão, em que os aviões devem estar sobre o objetivo. Deduz-se daí, a hora da decolagem e desta a hora de "briefing" (1) Estudam o objetivo em um grande mapa (em escala reduzida de 1 por 100 mil, neste caso) fotografias e recobrimentos fotográficos. Depois discutem como se decolarão até lá, evitando a Anti-Aérea, si possível (isso nem sempre o é), e o modo como farão os mergulhos para o bombardeio. Sabem de antemão, que este é um dos locais da Italia onde é mais intenso o fogo contra os aviões.

Então o capitão fala:

— Eu vou recuperar (2) para o Norte, e você (o comandante da segunda esquadrilha) recupera para o Sul. Fico girando para a direita e você para a esquerda. Quando todos estiverem juntos, eu vou "ciscar" (3) junto a Ghedi e você fica com seu pessoal me cuidando lá em cima. Quem ver alguma coisa me avisa logo, O. K.?

— O. K.

Vão em seguida para os aviões. Dez minutos mais, estão todos no ar. Após um hora de vôo mais ou menos, com "flaks" (4) esparsos aqui e ali, os aviões chegaram ao local. Este faz lembrar aquelas fotografias que a gente conhece do Grand Canyon nos Estados Unidos. A estrada corre quase sem curvas de 100 a 200 metros de altura entre dois paredões maciços, cujas cristas, eternamente prateadas de neve, estão a mais de 2.000 metros do nível da estrada. Ambos os lados. A largura do vale aonde se vê o fio negro das linhas da estrada de ferro, dá a impressão que vai espremer o trem que por ali ousar passar. O aviador sabe que, desde o alto das montanhas até as encostas interiores do córte gigantesco, está tudo crivado de artilharia anti-aérea: 20, 40, 80 e 105 milímetros. Para aqueles que se aproximarem mais, há metralhadoras ponto 50, em profusão. Sabem, também, que outro dia entraram lá 8 americanos e só saíram 4. Mas não quer dizer com isso que não vão "caprichar" na pontaria, ou seja, fazer um mergulho mais demorado. É um orgulho poder dizer de volta:

— As minhas bombas eu vi. Foram bem no meio da linha.

E mergulham. Antes de o fazerem, os alemães já estão atrando. Só se ouve gritar no radio avisando os outros companheiros:

— "Flak"... "Flak"... 40 mms... "Flak" 80 mms...

Esses mergulhos começam geralmente a 5 mil metros de altura e vão quase sempre a 2 mil, num espaço de tempo vertiginoso de alguns segundos. A velocidade vai, durante o mergulho, algumas vezes a 500 milhas por hora (850 quilômetros por hora) e nunca a menos de 380 milhas (cerca de 640 quilômetros por hora). Os minutos que duram essa operação são o bastante para haver aviões atingidos por estilhaços. Os artilheiros nazistas fazem uma barragem cerrada a uma altura em que os aviões forçosamente passarão, e acontece o que eles prevêm. Não exatamente, é claro: porque as bombas foram lançadas e os aviões, que são convenientemente robustos, recuperam todos, e se juntaram novamente aos de seus comandantes, afim de iniciarem a segunda parte da missão. E chamada esta parte o reconhecimento armado, com ataque razante a metralhadoras (o P-47, vião em que os brasileiros estão voando, carrega oito metralhadoras ponto 50 cada um) contra objetivos terrestres.

E assim uma das esquadrilhas desce e vai lá ver, enquanto a outra lhe fica sobrevoando, afim de evitar sur-

18.2.45  
segue 136

NÃO É MUITO DIVERTIDA A VIDA DE UM BANCÁRIO BRASILEIRO NA FRENTE ITALIANA

# OS HOMENS DA FEB MANDAM DE VOLTA METADE DO DINHEIRO QUE RECEBEM

**C**OM A FEB NA ITÁLIA — De Rubem Braga, Correspondente do DIÁRIO CARIOCA, Via Aérea - O Banco do Brasil tem 23 homens na Itália. 10 estão no Escritório Central, em Roma, onde é feita toda a contabilidade. Lá ficam o gerente geral, cel. Gastão Luiz Detsi, e o contador geral, tenente coronel Sampaio de Lacerda, ou melhor, o Pedro Paulo. Dois outros estão em Nápoles, onde atendem aos poucos brasileiros que ha por ali e fazem ligação com o Serviço de Finanças aliado. Os outros 11 estão em lugarejo perto do Quartel General Recuado da FEB.

Visite estes 11 homens. Eles vivem e trabalham no mesmo edificio — um casarão que tem pelo menos 5 séculos de uso e abuso. Dispõem de 3 quartos para dormir, e dormem em camas de campanha metidos dentro de um "sleeping-bag" italiano: um saco tipo cama-rola que o exército italiano fez para os soldados que iam para a Rússia. Por fora é impermeável; por dentro é pele de carneiro: um tanto mal cheirosa, mas muito quente. Esses sacos foram comprados pelos próprios funcionários.

O bancário sai de dentro de seu saco de peles mais ou menos às 8 da manhã. O edificio não tem aquecimento — e nestes últimos dias a média da temperatura pelas 8 da manhã tem sido de 6 abaixo de zero. O Banco custeou um fogão a lenha para cada quarto, mas um fogão a lenha se apaga em pouco tempo — e ninguém sai da cama para acendê-lo. Às 8 e meia o Banco está aberto ao público. Os bancários trabalham em salas aquecidas por velhos fogões florentinos que

não são grande coisa, mas representam um conforto melhor do que aquele de que gosam, por exemplo, os correspondentes — que trabalham em lugares aquecidos somente pela chama do ideal, como diz o Brandão do "Correio da Manhã" — e que, para falar a verdade, não esquentam grande coisa. A agência funciona todos os 7 dias da semana das 8 e meia às 11, e depois da 1 e meia às 4. Mas o trabalho interno vai até às 11 e meia na parte da manhã e até às 6 na parte da tarde. Fora disso os funcionários de mais responsabilidade, — o agente, o tesoureiro e o sub-chefe, e às vezes outros funcionários — precisam trabalhar depois do jantar até 10 ou 11 horas, quando não até meia noite, conferindo o expediente feito e assinando a documentação a ser enviada para o Brasil.

O funcionário comum, que trabalha até às 6 da tarde, sobe para jantar — e depois do jantar suas perspectivas não são muito brilhantes. A cidadezinha já está às escuras, e o frio é muito. Considerando que todos os funcionários dessa agência são solteiros, é fácil imaginar que às vezes dois ou três deles resolvem sair. Pode ser que ocasionalmente algum deles consiga fazer alguma coisa divertida, mas isso é raro. A cidadezinha não tem teatro, os cinemas acabam às 7 horas e não ha nenhum "cabaret" ou qualquer outra coisa parecida — e a população se enfurna em suas casas. Em geral os rapazes voltam para casa cedo, praguejando contra o frio e inevitavelmente sentindo saudades da cálida, sempre iluminada e às vezes alegre cidade do Rio de Janeiro, onde todos moravam meses atrás.

Os bancários recebem gêneros da FEB, e os entregam à signora Paolina.

A signora Paolina faz o papel de mãe dos rapazes, que têm por ela uma ternura filial.

De vez em quando os bancários têm convidados à mesa. Um dos mais frequentes, e que tem direito à cabeceira, é a enfermeira Carmita Corrêa e Castro, que trabalha em um hospital próximo. Carmita na vida civil é funcionária da Seção de Câmbio do Banco do Brasil e gosa de muito prestígio entre os bancários. Já tendo sido presidente da Comissão de Assistência ao Bancário Convocado. O resultado disso tudo é uma subversão das normas que regulam a vida comum do exército. A 2.º tenente Carmita preside a uma refeição onde tomam parte os majores Léo Dal Tro Santos (agente) e Eduardo Dreux Junior (tesoureiro), o capitão Renato Arêas Soares (caixa) e os primeiros tenentes Alexandre Fontenelle, Fernando Coelho Messeder (ordens de pagamento), Dirceu Batista (correspondência), Pedro Berwanger (cliente), Romeu Santos, James Swan, Newton Modesto (contacorrente), e Carlos Alves dos Santos (extraordinários: mantimentos, correspondência, etc.).

O posto dos próprios bancários não tem, de resto, nenhuma relação direta com seus vencimentos. Cada um ganha três vezes o que ganhava no Brasil — eles recebem do Banco, não do exército. Os postos foram distribuídos de acordo com as funções que eles desempenham aqui, e não de acordo com a classificação como funcionários normais do Banco. Para ilustrar isso ha, por exemplo, o caso do acima citado funcionário

Léo, que é semelhante a major e na burocracia do Banco é escriturário C, enquanto que o funcionário Henrique Chevallier (trabalha em Roma) é capitão, embora seja escriturário classe D, isto é, mais alto que Léo. Isso porque os postos foram distribuídos de acordo com as comissões e não com os cargos efetivos.

Antigamente os funcionários do Banco não usavam as estrélas comuns dos oficiais: usavam penas bordadas na ombreira. Mas essas meninas, como aquelas da anedota, atrapalhavam. Agora todos usam as estrélas, com exceção do continuo do escritório de Roma, João José da Silva, que é cabo.

O Banco do Brasil tem duas utilidades para o soldado da FEB: se encarrega de mandar o seu dinheiro para o Brasil e de guardá-lo aqui, em conta corrente. No primeiro caso não cobra nenhuma taxa e no segundo não paga nenhum juro. Antigamente um grupo de funcionários, organizados em "balcão volante" ia à frente, visitando os Postos de Comando para receber as ordens de pagamento ou depósitos dos soldados. Agora não ha mais esse serviço: o Comando resolveu que é mais prático mandar periodicamente o tesoureiro de cada unidade até o escritório mais avançado do Banco — que fica no Q. G. recuado. No momento em que visito o Banco chega o tesoureiro de um Regimento, e traz mais de 1.600 ordens de pagamento! O total é superior a 5 milhões de liras — e o funcionário encarregado de contar esse dinheiro, que é o Dreux, solta um suspiro.

— "Você pode dizer — declara ele — que o movimento de ordens de pagamento deste

escritório é maior, em número de ordens, do que o movimento da agência central do Banco no Rio".

Está visto que em valor o movimento é muito menor.

Um outro funcionário calcula que os homens da FEB mandam de volta para o Brasil cerca da metade do dinheiro que recebem aqui, e esse cálculo deve ser exato, principalmente para os homens que estão na linha de frente — onde positivamente não ha jeito de gastar dinheiro. O funcionário Dreux gastou certa vez 4 horas para contar cerca de 13 milhões de liras. Está visto que foi um dia de movimento anormal, mas diariamente o seu dedo preme a esponja da molhadeira algumas centenas de vezes.

Em resumo, a vida de um bancário brasileiro na Itália não é muito divertida e é bastante trabalhosa. "Uma vida de colégio interno" — me diz o caixa Renato.

— "Só me consolo em pensar que meus colegas lá no Rio estão com inveja de mim pensando que estou levando uma vida muito movimentada e cheia de aventuras na Europa..."

A frase que estes homens adotaram como lema é esta: "No fox-hole é pior".

— "Sim, no fox-hole é muito pior — confirma, sério, o bancário José Macedo Costa, que chegou ha pouco ao Banco para receber seu ordenado.

José Macedo Costa é ascensorista do Banco do Brasil no Rio. Foi convocado e hoje é atirador de metralhadora. Optou pelo ordenado que tinha no Banco: no Exército é soldado raso.

— "Estive em um "fox-hole" muitos dias com minha "posto 30". E pior".

Perguntou se ele agora não está mais na frente.

— "Não. Meu batalhão agora está de reserva em..." — e dá o nome de uma localidade fóra do alcance das metralhadoras e morteiros alemães — mas absolutamente não de sua artilharia. Vim de lá ha dois dias desgostoso com as explosões de granada e pergunto ao rapaz:

— Cairam muitas bombas lá ontem e hoje?

— "Umás 40. Mas assim mesmo é como o maior ali disse (abenta um funcionário que é maior) — "o fox-hole é pior".

Isso quer dizer Comissão de Assistência ao Bancário Convocado — e os rapazes do Banco do Brasil me informam que é uma coisa que funciona. Das classes trabalhadoras do Brasil a dos bancários sempre foi uma das mais bem organizadas, mas unidas e mais firmes na defesa de seus direitos. Agora, na guerra continuam os bancários a se mostrar organizados — com essa Comissão que presta varios serviços aos que estão na Itália.

— "Até cartas de moços eles arranjam para a gente. Outro dia recebi uma carta de uma pequena do Instituto de Educação. Ela não me conheceu nem eu a conheço. Foi a C. A. B. C. que me mandou a carta, avisando que era de uma adolescente que desta maneira queria "fazer alguma coisa" para estimular alguém que está aqui na Itália. Pois olhe, eu fiquei comovido e já li a carta umas cinco vezes, como se aquella fosse escrito para "mim" mesmo. Ela escreveu umas coisas simples mas francamente bem escritas, bonitas mesmo. Quer ver?"

Não, eu não quero ver.

18.2.45

137

(cont.)

# PARA CONTINUAR VIVOS, TÊM DE CONTINUAR LUTANDO

(Conclusão da 1ª pag.)

dos; e é provável que durante o inverno, com os homens parados nas melhores posições que for possível conquistar, a campanha da Itália, que o outono e o terreno fazem tão lenta, fique mais ou menos paralisada.

Mas para os "partigiani" não há quartéis de inverno. Esses homens estão lutando na região mais densamente povoada da Itália. Não podem, entretanto, ficar nas cidades e aldeias. Não podem voltar para suas casas, a invernarem: qualquer fascista ou nazista os entregaria à morte. Devem permanecer onde estão — ou no vale alagado por onde avança o 8.º Exerc. ou nas montanhas onde o 5.º Exército continua lutando. Para continuar vivos, esses homens têm de continuar lutando. Têm de

tentar sobreviver nas montanhas geladas — e têm de fazê-lo sem grande esperança de um auxílio eficiente por parte dos Aliados. As palavras do general Alexander visaram, certamente, dar esse aviso leal.

Um aviso, na verdade, muito triste para os italianos. A libertação da parte mais rica e populosa da Itália terá, provavelmente, de esperar até o fim da guerra da Europa. Desorganizados e desmoralizados, mal saindo do caos da derrota e com todos os males e corrupção de mais de 20 anos de fascismo — os italianos não podem, por si mesmos, libertar a sua Pátria. Estão, com a ajuda dos Aliados, a organizar divisões — meia dúzia, segundo disse o sr. Bonomi na entrevista que nos deu — mas sozinhos não da poderiam tentar contra cerca de 25 divisões do inimigo. Têm, portanto, de pôr a sua esperança nos Exércitos aliados, sabem que esses Exércitos lutam de acordo com as necessidades gerais da campanha na Europa. Se o comando geral não acha a certa altura da guerra, necessário avançar na Itália, não gastará, certamente, material e vidas humanas num esforço cujo objetivo para os italianos seria muito importante — seria vital — mas que conjunto geral da luta seria dispensável para os estrategistas aliados. Importante por obrigar o inimigo a um grande empote de suas forças, que poderia em outro caso, ir fortalecer sua resistência nas frentes ocidental e oriental, a frente italiana nem por isso deixa de ser secundária. O avanço dos russos pode mesmo, ocasionalmente, obrigar os alemães a uma retirada geral, para que não fiquem entalados no vale do Danúbio como numa armadilha de morte. Isso, todavia, é ainda um

simple hipótese, ou esperança — e os italianos dos Apeninos para o sul sabem que de qualquer modo duras provações ainda esperam seus irmãos do Norte. O inverno que eles têm pela frente é mais provavelmente este: fome, frio, a dureza da ocupação nazista, tão implacável e cruel quanto voraz — e o bombardeio dos aviões aliados.

Disso decorre em parte a impressionante flutuação da política italiana, com seu número exorbitante de partidos. Não importa que os partidos da esquerda tenham um apoio popular muito maior — quase absoluto — ou que os democratas cristãos e pequenos partidos de centro e da direita contem com a adesão de proprietários, industriais e clero. Todos os chefes desses partidos sabem que nenhum deles pode, no momento, "governar" a Itália. Primeiro porque esta parte da Itália — co-beligerante, com reconhecimento diplomático e com tudo o mais que possa ser — é apenas um território ocupado por tropas estrangeiras. Essas tropas estão fazendo a guerra. A guerra tem mil exigências, essas exigências têm natureza

18.2.45

- Se que -

O inverno p/ os italianos. Jan. 45. FEB

139

(cont.)

mente, prioridade absoluta. O segundo motivo pelo qual não podem governar a Italia é obvio: é que a maior parte da Italia, do ponto de vista politico e economico, ainda esta em poder dos nazistas. E quando as populações do Norte forem libertadas, elas terão a palavra definitiva a dizer sobre o que desejam para a Italia.

Acontece ainda que uma grande parte da população no territorio libertado, está mais preocupada com suas necessidades imediatas do que com a organização politica do pais — e depois de tudo o que o fascismo fez, em um estudo a que chamei de desmoralização política. Gente que durante 20 anos se acostumou a receber ordens

fascismo havia um maior numero de partidos politicos na Italia do que ha hoje, e esse numero tende a diminuir.

Os italianos estão pagando caro pelo que Mussolini fez deles. As promessas relumbantes ainda estão escritas nas paredes que restaram de pé — mas a realidade é a fome, o desconforto, o crime, o odio, a confusão. Aos "partigiani" espera o mais duro dos invernos, a massa do povo ninguem pode aconselhar nada mais melhor do que paciencia, até a libertação da terra e o começo do enorme trabalho de reconstrução.

Hoje, se Dante renascesse em sua Florença, onde sobre o Arno só resta a Ponte Vecchia, poderia repetir á Italia as tristes

18.2.45

falta parte e final

palavras g. disse . . . . .

O inverno p<sup>o</sup> os italianos - Jan. 45 - FEB

## QUE SE PASSA NO REZ DO CHÃO

presas, quanto a um ataque inimigo pelo ar. Durante o "cisca", um grita:

— Caminhão a 9 horas!

(A posição é dada em relação aos ponteiros do relógio.) E vão atacar o caminhão. Quando o segundo avião passou, o alvo já estava em chamas. É a parte mais divertida do vôo, mas é, também, a mais ingrata. É que os soldados de Hitler esperam silenciosamente o avião chegar ao alcance das armas e daí desencadeiam uma barragem terrível geralmente de 80 milímetros. O comandante da esquadrilha de baixo ao entrar em Ghedi, é recebido de tal maneira que apenas pode ver um ou outro avião inimigo pousado debaixo das arvores. Ouve no rádio uma mensagem de um de seus alas:

— Fui atingido feio. Vou voltar.

Ao regressar, as duas esquadrilhas tinham destruído dois aviões no chão, seis caminhões, um ônibus e metralhado um trem numa estação. Cinco dos oito aviões vieram perfurados. Um deles perdeu a metade do "aileron". Foi boa a missão, e as bombas tingiram os tiros em cheio.

Nesse mesmo dia o 1.º Grupo de Caça viu voltar um de seus pilotos levemente ferido na mão. Um homem que teve sorte: podia perfeitamente ter tido o avião incendiado e não teria de saltar de para-quedas nas linhas inimigas — isso, se tivesse tempo. O ataque razante é como uma sereia, atrai muito...

Mas o primeiro piloto brasileiro que tombou foi atingido durante um bombardeio. Era a sua primeira missão. Ele ainda conseguiu chegar até as nossas linhas, mas não conseguiu sobreviver. E o avião explodiu ao lado da estrada 64 sem ele ter podido se atirar de paraquedas. Assim trabalham os pilotos do 1.º Grupo de Caça, que saem diariamente para as suas missões, muito além do lugar aonde pode se dar o impacto de um projétil, atirado pela peça de maior alcance que se tenha em terra. A natureza esportiva do serviço, a vontade de ver o fascismo exterminado, a responsabilidade que tem pelo que deles esperam os que ficaram no Brasil, tudo isso faz com que os vejamos sempre alegres e bem humorados. Saem e voltam palrados e alegres, mesmo nas piores contingências. Se eles não bombardeiam aqueles canhões 88 como os infantões lhes pedem, estão, em compensação, trabalhando neste conjunto admirável que é o Exército das Nações Unidas. E conjuntamente com os aviões ingleses, americanos e c, impedindo, na medida do possível, que venham suprimentos da retaguarda para a frente, que fiquem pontes de pé no extensíssimo Vale do Pó, que algum trem ou material rodoviário possa ser utilizado e — por que não? — que os canhões nazistas não aborreçam demasiado os soldados lá em baixo, e que haja estoques nos depósitos de munições nazistas."

(1) "Briefing" — é um estudo prévio da missão, a cargo do comandante geral das esquadrilhas, demais pilotos que as compõem e o oficial de informações.

(2) Recuperar — é o termo que dão à manobra de saída do mergulho, após terem lançado as bombas.

(3) "Ciscar" — Voar baixo à procura de objetivos terrestres.

(4) "Flak" — arrebetamento de granadas anti-aéreas.



18.2.45

140